

METODOLOGIA DE ENSINO DE MODELAGEM: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO CURSO DE MODA

Flávia Zimmerle Nóbrega Costa
FBV– flavizimmerle@hotmail.com

Isa Maria Meira Rocha de Lima
SENAC-PE – isarocha@globo.com

RESUMO

Este trabalho objetiva relatar uma experiência de ensino de modelagem vivenciada com 15 turmas do Curso de Estilismo e Moda do SENAC-PE, no período de 1999 a 2005. Nos procedimentos metodológicos foram desenvolvidas, inicialmente, técnicas de construção de moldes sob medida, estimulando a discussão sobre o corpo da mulher, os padrões adotados e sua proporcionalidade. Os resultados mostraram que esta vivência constituiu um incentivo para o aprendizado, onde a prática e a solução de problemas em forma de desafios tornaram o ensino de modelagem mais dinâmico e atrativo.

Palavras chaves: ensino, moda, modelagem.

METODOLOGIA DO ENSINO DE MODELAGEM: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO CURSO DE MODA

Flávia Zimmerle Nóbrega Costa¹

Isa Maria Meira Rocha de Lima²

INTRODUÇÃO

A explosão da moda brasileira, nas últimas décadas, contribuiu para a modernização da indústria têxtil e abriu caminho para os cursos superiores em moda, cujo número vem crescendo a cada ano (CALDAS, 2004). Em Pernambuco, o primeiro curso superior de Moda iniciou em 2005, mas a formação profissional do estilista vinha sendo oferecida pelo SENAC-PE desde o início da década de 90. No período de julho de 1999 até junho de 2005 formamos 286 profissionais, que constituem o grupo de nossa abordagem.

O papel do criador contemporâneo é abrangente. Segundo Treptow (2003. p 44), “O design de moda é uma divisão do design industrial e, atualmente, a formação em moda vem se aproximando dos conceitos do design”. Através do desenvolvimento da sensibilidade estética e suas relações com as questões da funcionalidade, o estilista atua no processo de produção industrial do vestuário nas suas várias etapas, sendo as principais: a pré-montagem (criação, modelagem e corte), a montagem e o acabamento (GOULAT e JENOVEVA, 1997).

A modelagem industrial utiliza a geometria para a planificação do corpo considerando o modelo e medidas padronizadas (ARAUJO, 1996). Na produção em série, as medidas do cliente deixam de ser referência para a confecção e, em seu lugar, encontramos um conjunto de tipos humanos representativos de uma determinada população. O conhecimento das proporções do corpo e a técnica para medir suas partes são fundamentais para a modelagem plana em suas seis etapas: traçado das bases; interpretação de modelos; finalização do molde; corte e montagem de protótipo; graduação e elaboração do desenho técnico das peças (SENAC, 2003).

A vivência no ensino de modelagem nos permitiu refletir sobre a metodologia e os bloqueios existentes no processo, onde encontramos alunos resistentes ao

¹ Pós-graduada em Moda e Comunicação em Design de Moda – UAM/SP
Coordenadora do Curso Design de Moda da FBV

² Mestre em Serviço Social - UFPE
Professora do Curso de Estilismo e Moda do SENAC-PE

aprendizado. Considerando a atividade ligada ao corte e a costura, entendiam-na com possuindo menor valor diante do “ato da criação”. Aliás, segundo Souza (1997), até a década de 80 esse preconceito era estendido a tudo que se relacionava com a moda, vista como assunto fútil. Entendemos que a imagem do criador foi amplamente exaltada no decorrer da história, após as mudanças de valores sociais do Renascimento onde o artista foi considerado um fenômeno entre os vivos:

“O pintor é o senhor de todas as coisas que possam vir ao pensamento do homem, porque, se tem desejo de ver belezas que o apaixonem, ele é o senhor de gerá-las, se quer ver coisas monstruosas que assustem, ou que sejam cômicas e risíveis, ou verdadeiramente comiserativas, delas ele é o senhor criador.” Leonardo da Vinci - tratado de pintura VI, 149” (ECO, 2004, p178).

A constatação de desinteresse nos impeliu a buscar alternativas na construção de uma proposta metodológica pautada na reflexão e baseada nos recursos da solução de problemas e da montagem de protótipos que, contextualizando a aprendizagem, motivou a participação dos alunos e favoreceu a apropriação das regras. Na aplicação deste modelo, consideramos as diferenças entre as formas de educação “tradicional” e cognitiva, e a convergência destas idéias com os conceitos aplicados. Diferente do cognitivo, o modelo tradicional de educação aborda os conteúdos de forma expositiva e transmite o conhecimento através de regras que constituem um “manual do aluno”(CARRAHER, 1994).

Iniciamos com uma abordagem tradicional onde foi possível verificar que, mesmo seguindo cada passo das orientações de construção do molde, existiram alunos com pouca afinidade com questões lógico-matemáticas. O conteúdo de modelagem inclui essas questões nos conceitos de representação com base em geometria plana e espacial, nas quatro operações aritméticas e nas questões que envolvem proporcionalidade. Quando comparamos o aprendizado entre essas disciplinas, encontramos fatores coincidentes nos processos: constatamos iniciantes receosos e resistentes ao aprendizado, que afirmavam falta de habilidades para assimilar tais conteúdos. A respeito dos estudos de matemática, diversas opiniões já foram colhidas: Zunino (1995) em sua abordagem apresenta depoimentos sobre a “temível matemática”, e sinaliza as formas que coexistem contraditoriamente em nossas escolas: apesar da importância reconhecida por educadores em “descobrir,

investigar, discutir, interpretar conteúdos”, muitas instituições de ensino adotam o modelo do “explicar, repetir, memorizar”.

Precisamos conhecer os sistemas de representação e as ferramentas tal como na matemática, e esses sistemas precisam ter uma relação com as situações em que serão utilizados. Constatamos que não é suficiente aprender procedimentos e sim é preciso transformá-los em ferramentas de pensamento (NUNES & BRYANT, 1997). A fase da interpretação representou igual dificuldade, o que nos levou a refletir sobre a importância do modo de transmissão para assimilação de conceitos. As dificuldades para resolução de problemas semelhantes e para a memorização sem a compreensão geraram perda de parte das informações. De fato, o sistema de educação tradicional não funciona para estimular o raciocínio: *“Os problemas são tratados mecanicamente, sem que, muitas vezes, o aluno compreenda o que está fazendo.”* (CARRAHER, 1994, p. 14). O autor salienta a importância do raciocínio e do pensamento na construção do conhecimento e na aprendizagem através de descobertas, para um modelo cognitivo de aprendizado.

Considerando estas dificuldades, surgiram as inquietações para tornar o ensino de modelagem mais dinâmico e motivador, eliminando barreiras e solucionando dificuldades. Este estudo objetiva relatar essa experiência apontando os fatores que contribuíram para a construção deste conhecimento.

METODOLOGIA

As aulas seguiram a seqüência: medidas do corpo foram retiradas e aplicadas na construção da base incentivando a compreensão lógica do processo; moldes foram desenvolvidos com medidas da própria aluna; dificuldades e disparidades foram discutidas e solucionadas com o grupo para formação do pensamento crítico; moldes foram construídos dos ombros aos quadris; o gabarito foi montado tridimensionalmente em papel e vestido para correção; a adaptação de modelos constituiu os “desafios” cujas soluções eram premiadas e testadas no “toile”; os bottons e peças inteiras finalizaram o conteúdo e, como trabalho final, os alunos participaram do concurso de figurinos de papel que desfilaram em passarela.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No modelo tradicional de ensino da modelagem, o conteúdo é ministrado em forma de regras, dispostas em etapas, executadas em determinada ordem seqüencial. Essas regras são estabelecidas a partir de estudos de proporcionalidade do corpo, geradores das tabelas padrões, que subsidiam a execução do molde.

Usualmente, o material disponibilizado aos alunos consiste num “manual do passo-a-passo”, um livro expositivo: *“Um livro expositivo, por sua natureza, não é um livro de problemas, que provoque reflexão; pelo contrário, é um livro que desvia a atenção do aluno do ato de refletir.”* (CARRAHER, 1994, p 15).

A decisão em incentivar a construção de moldes sob medida e a base de modelagem construída dos ombros aos quadris, partiu da busca por um processo dinâmico de ensino. Cada aluna passou a produzir seu próprio gabarito e deixamos para o final o uso da tabela industrial e sua proporcionalidade, induzindo-as a descobrir os “porquês” das etapas de construção do molde. As regras continuaram existindo e foram seguidas, com uma grande diferença na compreensão dos motivos, nas descobertas efetuadas, e na forma de assimilação do conteúdo. De fato, *“(…) as pessoas entendem melhor as coisas que elas mesmas descobrem”* (CARRAHER, 1994, p 20).

A condição de um público predominantemente feminino oportunizou a confecção de roupas para si mesmas, motivando o aprendizado. Essa condição foi valorosa, tendo em vista a importância da imagem no contemporâneo. Segundo Jones (2005), compramos e usamos roupas no intuito de transmitir impressões sobre nós mesmos às outras pessoas, de maneira deliberada ou inconsciente. Este tema é abordado nos estudos da moda enquanto linguagem:

“(…) um determinado texto do corpo vestido por uma segunda pele pode conter vários códigos que colaboram entre si para construção de seu discurso” (CASTILHO, 2004, p 85).

Contudo, constatamos que o uso das medidas individuais instituiu bloqueio em alunas do tipo físico forte, o que nos levou a considerar a importância dos padrões de beleza instituídos e a questão da insatisfação permanente com as formas do corpo. Castilho e Martins (2005) descrevem esta relação instigante do sujeito com seu próprio corpo:

(…) enquanto as mulheres estão sempre se achando “gordas” e, portanto, insatisfeitas com seu corpo, os homens sempre se acham “perfeitos”. (. p 92).

Tomando por base que no último século houve uma tendência para valorização da figura longilínea e apesar desta “visão ideal” ser irrealista em relação aos padrões naturais do corpo, é comum encontrarmos mulheres de peso normal considerando-se gordas (JONES, 2005). Quando ocorreram esses casos, transferimos o estudo

para uma boneca e prosseguimos as instruções com a participação de todos. Em geral essa troca de “modelo” sempre produziu uma aula dinâmica e esclarecedora. Na seqüência, os alunos montaram o molde base de papel, vestiram e corrigiram no próprio corpo, o que permitiu a apreensão das etapas e a curiosa descoberta de infinitas possibilidades de transformação do gabarito.

Na fase de adaptação de modelos lançamos os “desafios” e a premiação para as mais rápidas soluções apresentadas. Os “desafios” consistiram em exercícios de adaptação de modelos com tempo estipulado para ser solucionado. Tal como numa gincana, a primeira a resposta correta foi premiada. Decifrada cada questão, a base de modelagem no quadro da sala foi transformada no modelo, demonstrando a solução de forma contextualizada.

Consideramos que os erros foram importantes para o aprendizado na medida em que amadureceram o raciocínio sobre a prática. Carraher (1994) afirma que os erros são preciosos. Enquanto o professor tradicional tem antipatia para com os erros, o professor moderno se deleita com as “idéias estranhas” de seus alunos.

O último grande desafio foi a realização do concurso onde as equipes, pesquisaram e apresentaram um modelo de roupa do período histórico determinado. Uma aluna de cada equipe foi escolhida para ser modelo, a roupa foi confeccionada com suas medidas e ela desfilou para um júri em espaço público. Como critério estabelecido para o concurso, considerava-se apenas roupas e acessórios confeccionados em papel. Contudo, foi incentivado pintar, trabalhar e transformar o papel, ambientar a passarela, escolher a trilha sonora, a maquiagem, o penteado e convidar a torcida. Após o concurso esses protótipos ficaram em exposição divulgando a atividade.

O desafio de ter a roupa mais bonita, fiel às características estéticas da época e com melhor modelagem foi estimulante, nos permitiu avaliar o aprendizado individual, sanar dificuldades, e acima de tudo, os fez refletir sobre dificuldades em texturas e caimentos, além de incitar a preocupação com o transpasse e aberturas das peças, que possibilitam o vestir, e no caso, o “desvestir” sem grandes estragos, afinal, existia ainda o grande momento da exposição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência recorrente de aplicação da metodologia, aprimoramos a técnica, conhecemos os pontos de afunilamento e garantimos melhores alternativas para assimilação do conteúdo. Em nossa experiência de sala de aula, constatamos que os desafios práticos contribuíram para compreensão e proporcionaram novas

estratégias. Apesar de não podermos banir as fórmulas e regras, devemos promover oportunidades aos estudantes de relacioná-las com as experiências funcionais que lhes proporcionarão significado.

O processo de ensino pode e deve tornar-se prazeroso e o incentivo pode estar hospedado em questões fora do conteúdo programático da disciplina. Consideramos que a interdisciplinaridade e a prática do conteúdo tornam-se hoje questões vitais para sobrevivência do ensino.

Este método de ensino de modelagem apresentou resultados positivos pois, permitiu ao estudante exercitar sua criatividade ao vivenciar desafios de montagem de roupa em papel e também de montar suas próprias roupas em tecido.

Enfim, acreditamos no ensino através de descobertas e nos erros como hipóteses que geram discussões e aprendizado. Constatamos o quanto esse método de ensino desenvolveu os processos intelectuais complexos de percepção e raciocínio lógico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Mário de. **Tecnologia do vestuário**. Lisboa : Fundação Gulbenkian, 1996.
- CALDAS, Dario. **Observatório de sinais**: teoria, métodos e prática da pesquisa de tendências. Rio de Janeiro: Senac, 2004.
- CASTILHO, Káthia. **Moda e linguagem**. São Paulo: ed. Anhembi Morumbi, 2004
- CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo. **Discursos da moda**: Semiótica, design e corpo. São Paulo: ed. Anhembi Morumbi, 2005.
- CARRAHER, Terezinha Nunes (org.); et.All. **Aprender Pensando: Contribuições da Psicologia Cognitiva para Educação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
- ECO, Humberto. **História da beleza**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOULART, Alcides F., JENOVEVA, Roseli. **A indústria do vestuário; economia estética e tecnologia**. Florianópolis : Letras contemporâneas, 1997
- JONES, Sue Jenkyn. **Fashion design**: Manual do estilista. Tradução: Iara Birdeman. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- NUNES, Teresinha; BRYANT, Peter. **Crianças Fazendo Matemática**. Tradução: Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SENAC, DN. **Modelagem plana masculina**. Rio de Janeiro: ed. Senac Nacional, 2003.
- SOUZA, Sidney Cunha de. **Introdução à tecnologia da modelagem industrial**. Rio de Janeiro: SEANAI/DN, SEBAI/CETIQT, CNPq, IBICT, PADCT, TIB, 1997.
- TREPTOW, Doris. **Inventando Moda**: planejamento de Coleção. Brusque: D. Treptow, 2003.
- ZUNINO, D. L. de. **A Matemática na Escola: Aqui e Agora**. Tradução: Juan Açuña Llorens. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.